

Poema Branco, Poema Tinto

José D'Assunção Barros*

Professor-Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense.

 <https://orcid.org/0000-0002-3974-0263>

Recebido em: 29 jan. 2023. **Aprovado** em: 25 ago. 2023.

Como citar esta produção artística:

BARROS, José D'Assunção. Poema Branco, Poema Tinto. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 12, n. 3, p. 278-279, dez. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10439603>

Existe o Poema Branco...

Resiste o Poema Tinto.

Um vai bem com peixe de mares doces,
Com incertos tipos de queijos,
Com prataria franco-chinesa
À sombra de flores delgadas
e à contraluz de cristaleira.
Outro pede cerâmica rústica,
Carnes vermelhas e suculentas,
Amor de corte; Hinos Revolucionários!

Poema Branco se lê contemplativo
Às vezes com tema melancolia
à meia voz, embora em público

*



Joseassun57@gmail.com

Poema Tinto, lê-se em segredo
Mudo... quase em desespero;
com vergonha de se ver nele,
– com um confuso orgulho, até.

Poema Tinto, se lê em pé!

Poema Branco se lê sentado
com as pernas dobradas
na sagrada flor de lótus,
como se fosse uma dádiva
espremida de não sei que céus

Poema Tinto
lê-se como uma conquista
ou se escuta solene,
com as mãos no peito
como um chamado à guerra.

Poema Branco, Poema Tinto...
Um e outro jamais se encontram,
nem se acham em qualquer cardápio,
ou na vulgaridade de qualquer cesto
repleto de poemas cinzas.